

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 29
 Data 9 de setembro de 1987 Pg.: 7 - Caderno B

Índios, prestígio no cinema

Fotos de Olavo Rufino

Susana Schild

S E a questão fosse prestígio, índio poderia dormir tranqüilo. Apesar do feriadão, da chuva e do Free Jazz, mais de 600 pessoas por dia acompanharam o II Festival Latino-Americano de Cinema dos Povos Indígenas, que por quatro dias (de sábado até ontem) exibiu entre 80 filmes e vídeos de 12 países. (O festival continua no Cine Ricamar e no Estação Botafogo). Na platéia, muitos estrangeiros, como o alemão Finn Stoll, 20 anos, que de férias no Rio aproveitava a chance de conhecer realidades e culturas diferentes. O cineasta José Inácio Parente (um dos vencedores do Rio-Cine) adorou a mostra, e elegeu o filme equatoriano Tiag "um dos mais bonitos" que já viu, opinião compartilhada pela escritora Olga Savary, espectadora cativa de filmes do gênero.

Para a festa de encerramento, ontem à noite, vieram seis casais da nação Tucana, de Paríacachoeira, no alto Amazonas. Dona Isabel Maranhão Resende, 46 anos, em sua primeira visita ao Rio, de fala mansa e olhos brilhantes, estava fascinada com a cidade "muito bonita, mas também com muito barulho". Viu poucos filmes — preferia ver a paisagem e mostrar a sua dança na festa de encerramento. Aquí, três dos sete jurados — um peruano, dois argentinos, um brasileiro, um guatemalteco, um panamenho e um equatoriano, todos ligados a comunidades indígenas — falam do Festival e do cinema sobre índios.



O equatoriano Alberto Muenala, formado em cinema pela Universidade do México, achou alguns filmes demasiadamente etnográficos

Estética também é necessária

J eans, pulôver, top-sider, óculos tipo John Lennon. O visual não poderia ser mais urbano, mas uma longa trança negra — além dos olhos amendoados e da pele morena — ligam Alberto Muenala à comunidade Peguche, a uma hora e meia de Quito, onde convive com 8 mil membros da nação Quicho. Formado em cinema pela Universidade do México, encontrou nos 80 filmes e vídeos do continente latino-americano a mesma problemática: falta de terra.

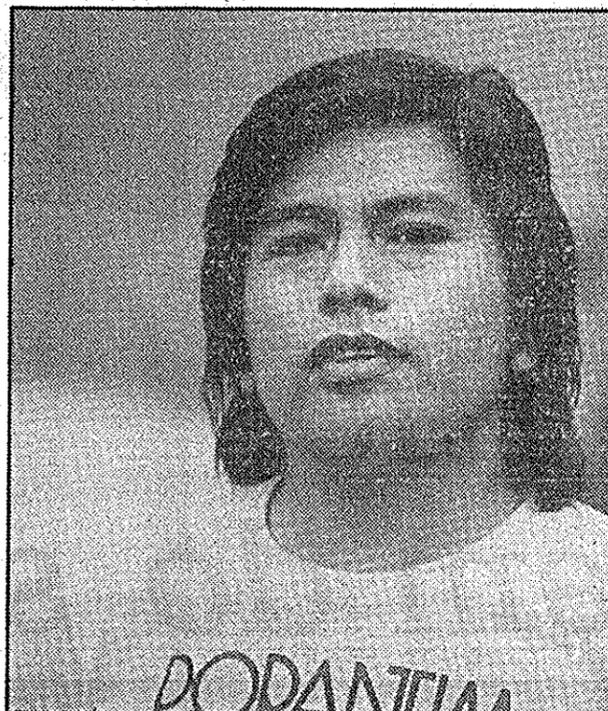
— Independente das formas de organização e das raízes culturais, as nações indígenas latino-americanas vivem o problema da terra. E para divulgar a questão, um festival como esse é de importância transcendental. Realizador de alguns ví-

deos sobre sua nação. Muenala tem uma visão muito crítica sobre a produção cinematográfica em torno do índio.

— O resgate cultural, a revalorização do aspecto cultural são fundamentais. Mas é importante também que esses filmes tenham um valor estético em si, para que sejam respeitados e reconhecidos como obra de arte.

Como jurado do Festival, Muenala, 28 anos, não quis adiantar preferências, embora ressaltasse que ao lado de realizações ótimas, outras eram por demais etnográficas — muito texto e pouca imagem. Embora ache que um festival de filmes sobre índios não deva enfatizar a competição, reconhece que um prêmio pode representar um estímulo. E conclui:

— O mais importante é a difusão desses filmes. Em minha aldeia, as televisões só passam enlatados, com uma realidade muito diferente da que vivemos. Seria mais importante exibir filmes com os quais os índios possam se identificar.



O argentino Hector Nahuel estava preocupado com as eleições em seu país e mostrou-se discreto sobre suas preferências

Câmera na mão apenas não basta

N A segunda à tarde, o jurado Hector Nahuel, além de acompanhar os filmes do festival, também se preocupava em acompanhar o resultado das eleições políticas na Argentina, onde vive na cidade de Neuquen, mais exatamente na Comunidade Mapuches, de 35 mil membros. Discreto quanto às preferências cinematográficas do festival ou políticas, Nahuel é enfático quanto à importância de uma mostra como a que veio julgar:

— Esses filmes são uma forma de revelar a realidade e fatos que muitos governos querem ocultar através de

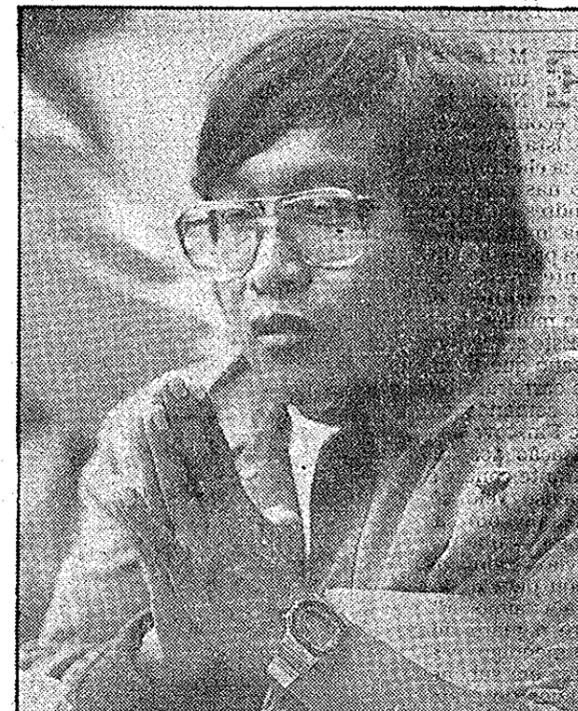
palavras. Um bom filme sobre as comunidades indígenas não se faz apenas com imagens bonitas. Deve deixar um saldo positivo sobre a nossa cultura.

Embora o tema cativa cineastas de todo o mundo, Nahuel é bastante crítico das realizações espontâneas, tipo "uma câmera na mão e uma semana junto a uma comunidade":

— É preciso conhecer a comunidade, compartilhar seus problemas e hábitos, respeitá-la, e só depois, mostrá-la.

Em sua primeira visita ao Rio, Hector Nahuel, 28 anos, diz que achou a cidade bonita, para "uma semana", ressalva. E temendo ser indelicado, explica:

— O Rio é um pouco como Paris, Bariloche, outras cidades grandes. Bonitas, mas fabricadas, e superficiais.



O panamenho Aristides Turpana estudou cinema em Paris e não vê conflito no casamento entre índios e tecnologia

Branco devia ser estudado

-C INEMA é arte, qualquer que seja seu tema. Não basta ter boas intenções para se fazer um filme indígena. É preciso poesia.

Assim se manifesta o jurado panamenho Aristides Turpana, um sorridente representante da comunidade Kuna, que estudou cinema em Paris e não vê conflito algum no casamento índios e tecnologia.

— Nós, índios, somos habitantes do século 21. Não há contradição ao utilizarmos uma câmera de filmar ou de vídeo para divulgar nosso maior problema: as terras. Mais contraditório é um país rico e grande como o Brasil ter gente dormindo na rua e morrendo de fome.

Aos 43 anos, Turpana já passou um período na Bahia, que lhe vale falar português com pouquíssimo sotaque. Fã incondicional de Vinicius de Moraes, ficou satisfeito com o painel apresentado pelo festival — "filmes muito bons, outros apenas bonitos, alguns bem intencionados. Mais importante, porém, é ter atraído tanta gente".

Com apenas um super-8 no currículo, "sobre um antropólogo francês", rodado em Paris, Aristides Turpana, ferrenho batalhador da causa indígena, também tem outros interesses. Gostaria, por exemplo, de fazer uma "antropologia do homem branco".

— Há contradições incriveis na sociedade branca, grandes oligarcas convivendo com miseráveis e famintos. O homem branco precisa ser melhor estudado — adverte.